



## A Sereiazinha *Den lille Havfrue* (1837)

Lá longe, no mar alto, a água é de um azul tão belo como as folhas da mais linda centáurea e tão clara como o vidro mais puro; mas é também muito funda, tão funda que nenhuma âncora consegue atingir o extremo da sua profundidade. Seriam precisos muitos e muitos campanários de igrejas, uns por cima dos outros, para alcançar a superfície das águas, cá em cima. Ali vivem os seres marinhos.

Não se deve, contudo, julgar que, por isso, o fundo é plano e apenas coberto de areia branca. Não senhor, há árvores e plantas estranhas, de caules e folhas tão flexíveis que à mais pequena ondulação se agitam, como se estivessem vivas. Entre os ramos nadam peixes grandes e pequenos, tal como voam as aves, cá em cima, ao ar livre. É aí, num dos locais mais profundos, que se encontra o castelo do Rei do Mar com as suas paredes de coral, as janelas altas em flecha do mais translúcido âmbar e o telhado de conchas, que se abrem e fecham com o fluxo e o refluxo das águas. O seu aspecto é majestoso, cada concha contém pérolas brilhantes, uma só das quais poderia constituir o ornamento mais precioso de uma coroa de rainha.

O Rei do Mar há muitos anos já que enviudara, mas a sua velha mãe cuidava-lhe do governo da casa. Era uma sereia bastante inteligente, mas também orgulhosa da sua nobreza, e por

essa razão andava com doze ostras na cauda, enquanto as outras damas nobres só podiam ostentar seis. Em tudo o mais era digna dos maiores elogios, especialmente pelos cuidados que tinha com as netinhas, as Princesas do Mar. Eram seis sereiazinhas muito lindas, mas a mais nova era a mais bonita de todas. A sua pele era clara e fina como uma pétala de rosa, os olhos azuis como o lago mais profundo, mas, como as irmãs, não tinha pés e o corpo terminava em cauda de peixe.

Podiam entreter-se todo o dia a brincar na grande sala do palácio, cujas paredes eram inteiramente decoradas com flores. Quando as grandes janelas de âmbar se abriam de par em par, os peixes entravam, tal como sucede com as andorinhas, se deixamos abertas as janelas das nossas casas, dirigiam-se logo para as princesinhas comiam das suas mãos e deixavam-se acariciar.

Em frente do palácio havia um grande jardim com árvores cor de fogo e azul-escuras, cujos frutos brilhavam como se fossem de ouro e as flores pareciam chamas tremeluzindo, pois estavam sempre a agitar os caules e as folhas. O próprio chão era de areia finíssima, mas com uma cor azulada semelhante à da luz do enxofre quando arde. Tudo irradiava um admirável resplendor azul. Dava-nos quase a sensação de estarmos a flutuar no ar e de vermos o céu por cima e por baixo, mesmo sabendo que era o fundo do mar. Com tempo calmo podia ver-se o Sol como uma flor purpurina cujo cálice era o centro irradiador de toda a luz.

Cada princesinha tinha o seu pedacinho de jardim onde podia cavar e plantar o que quisesse. Uma dera ao seu canteiro de flores a forma de uma baleia, outra preferira que o seu se parecesse com uma pequena sereia, mas a mais nova fizera-o perfeitamente circular como o Sol e enchera-o apenas com flores vermelhas que se lhe assemelhavam no brilho. Era uma sereiazinha um tanto estranha, silenciosa e triste, e enquanto as irmãs se adornavam com as coisas raras que apanhavam dos barcos

naufragados, ela só queria para brincar, além das flores vermelhas que se pareciam com o Sol, uma bela estátua de mármore que representava um formoso jovem, esculpida em pedra branca e polida, que, com outros destroços, viera parar ao fundo do mar. Plantara ao pé da estátua um chorão cor-de-rosa, que crescera de modo extraordinário, deixando pender as braçadas frondosas sobre a estátua para o fundo de areia azul, onde sombras de violetas se agitavam constantemente com os próprios ramos. Dava a impressão de que a copa e as raízes brincavam e se beijavam.

Nada era mais grato à princesa do que ouvir falar do mundo dos homens lá em cima; e a velha avó tivera de contar-lhe tudo o que sabia sobre os navios e as cidades, os homens e os animais, parecendo-lhe sobretudo digno de admiração que, lá em cima, na terra, as flores tivessem aroma – o que não sucedia no fundo do mar –, que os bosques fossem verdes e que os peixes, movendo-se de ramo em ramo, possuísem uma voz sonora e bela, sendo um prazer ouvi-los. Eram, claro está, os passarinhos, a que a avó chamava peixes, porque só assim podiam compreendê-la, pois jamais tinham visto uma ave.

– Quando completardes quinze anos – disse a avó –, receberéis autorização para sair do mar e sentar-vos nos rochedos, ao luar, a ver passar os grandes navios. Tereis então a oportunidade de ver também os bosques e as cidades!

No ano seguinte uma das irmãs completou quinze anos, mas a mais nova – faziam diferença de um ano umas das outras – tinha de esperar ainda cinco anos para poder subir e ver como eram as coisas do nosso mundo. A mais velha, porém, prometeu contar às outras o que viesse a observar e achasse mais belo no primeiro dia que saísse do mar, pois a avó não lhes dissera o suficiente e havia tanta coisa que elas queriam saber.

Nenhuma manifestava, porém, tanta impaciência como a mais nova, justamente a que tinha de esperar mais tempo e se

mostrava tão calma e pensativa. Passava muitas noites à janela a olhar para cima, através da água azul-escura, onde os peixes se moviam agitando as barbatanas e as caudas. À Lua e às estrelas conseguia vê-las, mais pálidas no seu brilho, mas também, vistas assim através da água, maiores do que aparecem aos nossos olhos. Se passava uma grande nuvem lá em cima, sabia que se tratava de uma baleia que nadava por cima dela ou de um navio com muitos homens a bordo, que não podiam pensar certamente que uma linda sereiazinha se encontrava lá no fundo, estendendo os alvos braços na direcção da quilha do barco.

Chegou, pois, a altura em que a princesa mais velha completou quinze anos e obteve autorização para subir à superfície do mar.

Quando voltou, trazia centenas de coisas para contar, mas a mais bela, disse, fora deitar-se num banco de areia, ao luar, com o mar calmo, a observar de perto, junto à costa, uma grande cidade, cujas luzes cintilavam como centenas de estrelas, ouvir a música, os ruídos e os rumores das carruagens e dos homens, ver os muitos campanários e as flechas agudas das torres e escutar os sinos a tocar.

Oh, com que avidez a ouvira a irmã mais nova! Precisamente porque não podia lá ir, ficara com mais vontade de ver tudo aquilo. Logo que anoiteceu, foi postar-se à janela a olhar para cima, através da água azul-escura, a pensar naquela grande cidade com todos os seus ruídos e bulício, parecendo-lhe até que ouvia o som dos sinos das igrejas.

Um ano depois recebeu a outra irmã autorização para vir à superfície e nadar por onde quisesse. Emergiu precisamente ao pôr do Sol, e esse espectáculo considerou-o como a coisa mais bonita que vira. O céu parecia de ouro – declarou – e as nuvens, ai!, as nuvens, era impossível descrever toda a sua beleza! Com tons vermelhos e violáceos, haviam navegado por cima dela, mas

muito mais veloz fora o voo de um bando de cisnes, parecendo um longo véu branco, sobre a água, em direcção ao Sol. Tentara também nadar direito a ele, mas afundou-se de pronto e o clarão róseo extinguiu-se ao nível da água e por entre as nuvens.

Decorrido mais um ano, coube a vez à terceira irmã de vir à superfície. Era a mais audaciosa e, portanto, foi nadando até a um rio largo que desembocava no mar. Pôde, então, ver as belas encostas verdes com os seus vinhedos, castelos e pomares entre bosques maravilhosos. Teve também oportunidade de ouvir cantar os pássaros e o Sol era tão forte que se viu obrigada a submergir várias vezes para refrescar o rosto afogueado. Numa pequena baía encontrou um grupo de serezinhos humanos, completamente nus, a correrem e a chapinharem na água. Quis brincar com eles, mas logo fugiram assustados, e veio depois um animalzinho preto, um cão, que nunca vira antes. Ladrrou-lhe de um modo tão assustador que teve medo e fugiu para o alto mar. Não podia, porém, esquecer os bosques magníficos, os montes verdejantes e as encantadoras crianças, que também sabiam nadar, apesar de não terem caudas de peixe.

A quarta irmã não fora tão audaciosa: quedara-se no mar alto e disse que fora isso exactamente o que vira de mais belo. O olhar estendia-se muitas e muitas milhas ao redor e o céu lá em cima parecia uma enorme campânula de vidro. Avistara também alguns navios, mas ao longe, quais gaivotas, observara graciosos golfinhos fazendo piruetas e enormes baleias que lançavam jactos de água das narinas, dando a impressão de centenas de fontes, à sua volta...

Chegou então a vez da quinta irmã, cujo aniversário ocorreu precisamente no Inverno e que, portanto, teve a oportunidade de ver, pela primeira vez, coisas que as outras não tinham visto. O mar apresentava uma cor verde e por toda a parte flutuavam grandes icebergues que pareciam pérolas – contou ela –, mas

muito maiores que os campanários construídos pelos homens. Tinham formas lindíssimas e brilhavam como diamantes. Sentou-se num dos maiores e todos os veleiros se desviavam com medo, para longe do sítio onde ela estava, com os cabelos ao vento. De noite, o céu cobriu-se de nuvens, começou a relampejar e a trovejar, enquanto o mar imenso fazia balançar os grandes blocos de gelo, brilhando com a luz forte dos raios. Nos barcos arriavam-se as velas e havia confusão e terror, mas ela continuava tranquilamente no balançante icebergue, vendo tombar as faíscas com a sua luz azul, em ziguezague, no mar chamejante.

Da primeira vez em que cada uma das irmãs viera à superfície, as outras haviam ficado fascinadas com as novidades e a beleza que diziam ter visto; mas agora, que já eram crescidas e tinham autorização para subir sempre que quisessem, o interesse ia diminuindo, começavam a sentir saudades do seu mundo e, após um mês, declararam que lá no fundo, no fim de contas, era tudo muito mais bonito. Era em casa que se sentiam bem.

Algumas vezes, ao entardecer, as cinco irmãs davam os braços e subiam em fila à superfície; possuíam belas vozes, mais belas do que a de qualquer ser humano, e quando rebentava uma forte tempestade que as levava a supor que os navios corriam o perigo de naufragar, balouçavam-se diante deles e cantavam-lhes lindas canções, enaltecendo a beleza do fundo do mar, assim exortando os marinheiros a não terem medo de descer às suas profundezas. Estes, porém, não entendiam nem aqueles cânticos nem aquelas palavras, julgavam tratar-se de ruídos da tempestade e, além disso, nunca tinham a possibilidade de admirar as belezas submarinas, pois, quando o navio ia ao fundo, morriam afogados e apenas como cadáveres chegavam ao palácio do Rei do Mar.

Quando à tardinha, as irmãs subiam de braço dado, a mais nova ficava completamente só a olhá-las e dir-se-ia que chorava,

mas as sereias não deitam lágrimas e sofrem, deste modo, muito mais.

– Ai! Quem me dera já ter quinze anos! – dizia. – Como sinto que virei a gostar do mundo lá em cima e dos homens que o habitam!

Até que, finalmente, chegou o dia em que completou quinze anos.

– Bem, é a tua vez agora – disse a avó, a velha rainha viúva. – Vem, que vou enfeitar-te, como fiz às tuas irmãs!

Colocou-lhe uma coroa de lírios brancos na cabeça, cujas pétalas eram compostas por meias pérolas e mandou aderir oito grandes ostras à cauda da princesa, como distintivo da sua alta estirpe.

– Ai, que faz doer tanto! – disse a sereiazinha.

– Claro, para se ser bela tem de se sofrer! – retorquiu a anciã.

Oh! Como lhe apetecia sacudir para fora de si todos aqueles atavios e arremessar para longe a pesada coroa! Ficaria muito melhor com as flores vermelhas do mar, mas não ousava ir contra a tradição.

– Adeus – disse depois, e começou a subir tão ligeira e diáfana qual bolha de ar, através da água do mar.

O Sol acabara de pôr-se quando emergiu a cabeça da água, mas todas as nuvens brilhavam ainda com tons de rosa e ouro e no meio do céu róseo luzia a estrela da tarde com toda a sua cintilante beleza. A aragem era suave e fresca e o mar estava absolutamente calmo. A pequena distância encontrava-se um grande navio de três mastros, apenas com uma vela içada, pois não corria a menor brisa e por toda a parte se suspendiam os marinheiros no cordame e nas enxárcias. Ouvia-se tocar instrumentos e cantar e, assim que se fez noite, acenderam-se centenas de lanternas de várias cores; era como se ao vento ondulassem bandeiras de todos os países. A sereiazinha aproximou-se um

pouco das vigias dos camarotes e quando a ondulação a levantou pôde ver, lá dentro, através dos vidros límpidos como espelhos, um grupo de homens ricamente vestidos. O mais belo de todos era, porém, um jovem príncipe de grandes olhos negros. Não devia ter mais de dezasseis anos e naquele dia festejava-se, com toda a pompa, o seu aniversário. Os marinheiros dançavam alegremente na coberta e quando o príncipe saiu estalaram no céu centenas de foguetes que iluminaram tudo à volta como se fosse dia claro, de tal modo que a sereiazinha se assustou terrivelmente, logo mergulhando a esconder-se no fundo do mar. Quando voltou a pôr a cabeça de fora pareceu-lhe que as estrelas tombavam sobre ela. Nunca antes vira um fogo-de-artifício. Era como se rodopiassem grandes sóis, maravilhosos peixes de fogo sulcassem o ar, reflectindo-se no mar espelhante e calmo. O próprio navio ficou tão iluminado que se podia distinguir a mais pequena corda, não falando já dos homens. E como era bonito o jovem príncipe, que apertava as mãos aos marinheiros, sorrindo e gracejando, enquanto soava a música na noite esplendorosa!

Era já tarde, mas a sereiazinha não conseguia desviar os olhos do navio e do encantador príncipe. As lanternas multicores foram-se extinguindo, os foguetes deixaram de estalar, emudeceram os canhões, mas nas profundezas do mar começaram a ouvir-se ruídos surdos e estranhos. Continuava ao sabor do mar, balouçando-se para cima e para baixo a fim de poder observar o que se passava dentro dos camarotes até que o navio tomou um andamento maior, foi içada vela após vela, a ondulação aumentou, correram grandes nuvens no céu e lá longe começou a relampejar. Ai! Ia desencadear-se uma terrível tempestade! Por isso voltavam os marinheiros a arriar as velas. O grande navio balouçava, navegando vertiginosamente no mar bravo, que se elevava cada vez mais, como grandes montanhas negras que



ameaçavam derrubar os mastros. Flutuava, contudo, como um cisne, ora afundando-se entre as altas ondas, ora voltando a erguer-se no mar revolto. Para a sereiazinha tudo isto era muito divertido, mas os marinheiros não tinham a mesma opinião. O navio rangia, estalava e as grossas pranchas torciam-se com os embates fortes que recebiam. Começou a meter água, partiu-se o mastro ao meio como se fosse uma simples cana e foi adornando lentamente à medida que se inundava. Só quando reparou que tinha de se acautelar com as tábuas e restos do navio que flutuavam no mar, é que a sereiazinha se apercebeu do perigo que o navio corria. Por um momento foi tão grande a escuridão que nada conseguia distinguir, mas logo que voltou a relampejar fez-se tudo claro à sua volta e pôde reconhecer os homens a bordo. Cada um tentava salvar-se conforme podia. Procurou com ansiedade o jovem príncipe e descobriu-o precisamente quando o navio se desmantelava e ia afundar-se. A sua primeira reacção foi de intensa alegria, pois iria assim tê-lo inteiramente para si, mas logo se lembrou de que os homens não conseguem viver na água e que só morto podia descer ao palácio de seu pai. Ai!

Não! Morrer, isso não! Começou a nadar entre as vigas e as pranchas que flutuavam, sem se lembrar de que podiam esmagá-la, mergulhou profundamente na água e voltou a subir por entre as altas ondas, alcançando por fim o príncipezinho, que já não tinha forças para se manter por mais tempo no mar tempestuoso. Estava exausto, os braços e as pernas entorpecidos, os belos olhos a cerrarem-se-lhe e teria sucumbido, sem dúvida, se a sereiazinha o não tivesse alcançado. Segurou-lhe então a cabeça, mantendo-a ao de cima da água e deixou-se levar ao sabor das ondas.

Quando a manhã chegou, a tempestade já tinha passado. Do navio não se via o mínimo pedaço, o Sol começou a aparecer, rubro, brilhando sobre a superfície das águas, e era como se o rosto do príncipe fosse tomando vida, embora continuasse com

os olhos fechados. A sereia beijou-lhe a testa alta e bela e puxou-lhe os cabelos molhados para trás. Achava-o muito parecido com a estátua de mármore que guardava lá em baixo, no seu pequeno jardim e, então, voltou a beijá-lo, desejando de todo o coração que volvesse à vida.

Pouco depois avistou terra firme: umas montanhas altas e azuladas, nos cumes das quais luzia a neve branca, como se fossem cisnes que aí estivessem pousados. Cá em baixo, junto à costa, havia belos bosques verdes e em frente uma igreja ou mosteiro, não sabia bem, mas era um edifício, com certeza. No pomar vicejavam limoeiros e laranjeiras e diante dos portões erguiam-se altas palmeiras. Aí o mar formava uma baiazinha, calma mas bastante funda, e alongava-se até aos rochedos, onde se recortava uma pequena praia de areia branca. Nadou para a praia arrastando o príncipe, pousou-o depois sobre a areia e teve o cuidado de lhe erguer a cabeça, sob os raios quentes do Sol.

Soaram sinetas no grande edifício branco e logo depois começaram a sair donzelas para o pomar. Então, a sereiazinha lançou-se ao mar, afastou-se para trás de umas rochas que sobressaíam da água, colocou espuma do mar no cabelo e no peito para que não pudessem ver o seu pequeno rosto, e ficou à espera de que alguém encontrasse o pobre príncipe.

Não levou muito tempo até que uma das jovens se encaminhasse para a praia. Pareceu ficar muito assustada, mas apenas por um momento, porque logo correu a buscar ajuda e a sereia pôde ver como o príncipe se reanimava e sorria a todos à sua volta. Só não sorria para ela, ignorando naturalmente quem o tinha salvo. Sentiu, então, uma dor tão profunda que, quando ele se dirigiu para o grande edifício, mergulhou e, cheia de tristeza, regressou ao palácio do pai.

Fora sempre calada e taciturna, mas agora ainda era mais. As irmãs pediram-lhe que lhes contasse o que tinha visto, na pri-

meira vez que subira à superfície do mar, mas ela nada lhes quis dizer.

Vinha muitas vezes, ao entardecer e de manhãzinha, ao local onde havia deixado o príncipe. Observou, assim, como iam amadurecendo os frutos do pomar e como vieram a ser colhidos; viu a neve derreter-se no alto das montanhas, mas nunca conseguiu ver o príncipe; e, portanto, voltava para casa cada vez mais triste. O único consolo era ficar sentada no seu jardimzinho e enlaçar com os bracitos a bela estátua de mármore que se lhe assemelhava. As flores, porém, já não lhe agradavam nem cuidava delas e assim foram crescendo como um matagal, cobrindo os carreiros e entrelaçando os caules longos e as folhas por entre a ramagem das árvores, de modo que tudo parecia mergulhado em trevas.

Por fim não conseguiu guardar mais o seu segredo; contou-o a uma das irmãs e logo as outras vieram a sabê-lo, mas só elas e algumas amigas íntimas tomaram conhecimento do caso. Uma destas amigas, que assistira também à festa no navio, sabia quem era o príncipe e onde ficava o seu reino.

– Vem, irmãzinha! – disseram as princesinhas e, enlaçadas umas nas outras, subiram em longa fila à superfície do mar, onde sabiam que ficava o palácio do príncipe.

O palácio era feito de uma espécie de pedra brilhante, amarela-clara, com grandes escadarias de mármore que desciam sobre o mar. Erguiam-se magníficas cúpulas douradas sobre os telhados e entre as colunas que circundavam todo o edifício havia estátuas de mármore que pareciam ter vida. Por detrás dos vidros claros das altas janelas podiam ver-se belos salões, onde se suspendiam ricas tapeçarias e cortinados de seda, e todas as paredes adornadas com grandes quadros, o que era verdadeiramente um prazer contemplar. A meio da sala maior estava colocada uma grande fonte cujos repuxos se elevavam até à cúpula de

cristal, por onde entrava o Sol, fazendo brilhar os jactos de água e as belas plantas que cresciam na taça monumental.

Agora que sabia onde vivia o príncipe, vinha passar muitas tardes e noites junto ao palácio. Aproximava-se muito mais de terra do que qualquer uma das irmãs; subira mesmo o estreito canal por debaixo do belo terraço que projectava uma espessa sombra na água. Aí se escondia e ficava a olhar o jovem príncipe, que julgava estar completamente só sob a luz clara do luar.

Via-o, também, muitas vezes a passear na sua bela barca, com ondeantes bandeiras e ao som de música maravilhosa. Espreitava-o através dos junco verdes, e se o vento lhe agitava o longo véu prateado e a descobria, julgavam os que a viam que era um cisne que abria as asas.

De noite ouvira, algumas vezes, os pescadores, que pescavam com tochas no mar. Referiam-se ao príncipe em termos elogiosos e a pequena sereia alegrou-se por lhe ter salvo a vida quando, meio morto, vogava ao sabor das ondas, recordando como repousara a cabeça no seu seio e ternamente o havia beijado. Ele, contudo, de nada sabia e nem por sombras o podia suspeitar.

Cada vez gostava mais dos homens, cada vez gostava mais de estar próximo deles. O seu mundo parecia-lhe ser muito maior do que aquele em que vivia! Iam até muito longe nos seus barcos, subiam aos altos cumes das montanhas acima das nuvens, e as terras, com os seus bosques e prados, estendiam-se muito para além do alcance da sua vista. Havia muitas outras coisas que gostava de conhecer, mas as irmãs não sabiam responder-lhe a todas as perguntas. Dirigiu-se, portanto, à velha avó, que conhecia bem aquele mundo superior a que muito justamente denominava «os países sobre o mar».

– Quando os homens não morrem afogados – perguntou a sereiazinha –, é verdade que vivem eternamente, que não provam a morte, como nós aqui no mar?

– Não – respondeu a anciã –, eles também têm de morrer e a sua vida é ainda mais curta do que a nossa. Nós podemos viver trezentos anos, mas quando deixamos de existir transformamo-nos simplesmente em espuma do mar e nunca há campa ou túmulo, cá em baixo, que nos recorde aos entes queridos. Não temos uma alma imortal, jamais renascemos, somos como a cana verde, que, uma vez cortada, não volta a crescer! Os homens, em contraposição, possuem alma, que tem sempre vida, mesmo depois do corpo se desfazer em pó, ascendendo então no ar diáfano até onde estão as estrelas rutilantes! Assim como nós emergimos do mar e podemos ver a terra dos homens, também eles se desprendem da terra para subirem a lugares maravilhosos, desconhecidos, que nunca nos será dado ver.

– E porque não temos nós também uma alma imortal? – perguntou a sereiazinha muito triste. – Daria, de bom grado, os trezentos anos que tenho para viver, para ser, por um dia apenas, um ser humano e poder partilhar, depois, do mundo celestial!

– Não penses nisso! – retorquiu a anciã. – Somos melhores e muito mais felizes do que os homens lá em cima!

– Mas morrer assim, ficando a flutuar como espuma do mar, não ouvir mais a música das ondas, não poder mais contemplar a beleza das flores nem o brilho rubro do Sol! Não existe, assim, nenhum meio de alcançar uma alma imortal?

– Não – respondeu a avó –, só se um homem viesse a gostar tanto de ti que fosses para ele mais do que um pai ou uma mãe, que ele se prendesse de tal modo a ti, em pensamento e coração, que fosse pedir a um sacerdote para vos unir as mãos com a promessa de fidelidade neste mundo e por toda a eternidade. Então, a alma dele entraria no teu corpo e participarias, assim, da bem-aventurança humana. Dar-te-ia a alma, sem perder a sua própria. Mas isso nunca será possível! O que aqui, no mar, é tão bonito – a tua cauda de peixe –, é considerado lá em cima uma

coisa feia; são incapazes de compreendê-la. São necessários dois suportes maciços, a que chamam pernas, para se ser bonito!

A sereiazinha suspirou profundamente e olhou com tristeza para a cauda de peixe.

– Mas alegremo-nos – continuou a anciã –, folguemos e divertamo-nos nos trezentos anos que teremos de viver. É, na verdade, um período de tempo bastante longo, mas depois mais vontade teremos de descansar. Esta noite haverá um baile de gala!

A festa foi de uma magnificência impossível de imaginar na terra. As paredes e o tecto do grande salão de baile eram de cristal espesso mas translúcido.

Centenas de conchas colossais, cor-de-rosa e verdes, enfileiravam-se de cada um dos lados, irradiando uma forte luz azul, que iluminava todo o salão e que, atravessando as paredes de cristal, vinha reflectir-se claramente cá fora, no mar. Podia ver-se uma imensidade de peixes, grandes e pequenos, nadando junto às paredes de cristal e cujas escamas brilhavam com tons de púrpura, de ouro e de prata. Ao meio, atravessando a sala, fluía uma larga corrente onde dançavam os cavalheiros e damas do mundo submarino, ao som das suas próprias maravilhosas canções. Vozes assim tão belas não as possuem os seres terrestres. A sereiazinha foi quem cantou melhor. Por isso foi muito aplaudida e, por um momento, sentiu o coraçãozinho inundar-se-lhe de alegria por saber que tinha a voz mais bela da terra e do mar. Mas logo voltou a pensar no mundo dos homens lá em cima. Não conseguia esquecer o belo príncipe nem a mágoa que sentia por não possuir, como ele, uma alma imortal. Saiu despercebidamente do palácio real e, enquanto por toda a parte se ouviam canções e a alegria era geral, foi sentar-se, muito triste, no seu jardimzinho. Ouviu, então, através da água, uma trompa soar lá em cima e pensou: «Neste momento passeia de barco, certa-

mente, aquele a quem quero mais do que a minha mãe e a meu pai, aquele que é o meu único pensamento e em cujas mãos deporia o destino da minha vida. Tudo hei-de fazer para alcançar uma alma imortal! Enquanto as minhas irmãs dançam lá dentro, no Palácio, irei à bruxa do mar, de quem sempre tive tanto medo, mas que pode, talvez, aconselhar-me e auxiliar-me!»

Então, a sereiazinha partiu do seu jardim em direcção ao sorvedouro espumoso por detrás do qual vivia a bruxa. Nunca antes percorrera aqueles caminhos, onde não havia nem flores nem algas, apenas um fundo arenoso, pardo e deserto se estendia na direcção do sorvedouro efervescente, onde a água, como roda espumante de moinho, remoinhava continuamente, arrastando para o fundo tudo o que nela tombava. Era pelo meio daqueles furiosos remoinhos que teria de seguir para penetrar nos domínios da bruxa do mar e não havia, na maior parte do trajecto, outro caminho senão um lamaçal quente e borbulhoso a que a bruxa chamava a sua turfeira. Por detrás, no meio de um bosque estranho, ficava a casa onde vivia. Todas as árvores e arbustos eram pólipos, metade animais metade plantas, que pareciam serpentes com centenas de cabeças, saindo do chão. Os ramos eram longos braços viscosos com dedos que se assemelhavam a vermes flexíveis, movendo-se, em todas as articulações, da raiz à ponta mais extrema. Tudo o que podiam apanhar no mar era enlaçado por eles e nunca mais o largavam. A sereiazinha estacou, terrivelmente assustada. Cheia de medo, com o coração aos pulos, esteve quase a regressar, desistindo do seu empreendimento, mas voltou a pensar no príncipe e na alma humana e recobrou o ânimo. Atou o longo cabelo ondulante à volta da cabeça, para que os pólipos o não pudessem agarrar, cruzou os braços sobre o peito e lançou-se em frente, deslizando como um peixe, por entre os horríveis pólipos, que estendiam os membros e os dedos flexíveis para ela. Pôde assim ver como cada

um deles segurava alguma coisa que havia agarrado e que centenas de pequenos braços a prendiam como com fortes aros de ferro. Náufragos que tinham vindo parar ao fundo do mar eram agora brancos esqueletos nos braços dos pólipos. Prendiam também, fortemente, remos, caixas, carcaças de animais terrestres e mesmo uma sereiazinha que tinham apanhado e estrangulado. E, naturalmente, foi essa a visão que mais a impressionou.

Chegou depois a um grande largo viscoso, na floresta da bruxa, onde rolavam enormes e bojudas serpentes aquáticas, mostrando os ventres repelentes de cor amarela-clara. Erguia-se aí, a meio, uma casa edificada com os ossos brancos dos náufragos. Lá dentro estava a bruxa do mar deixando um sapo comer da sua boca, tal como os homens mimoseiam um canariozinho com pedacinhos de açúcar. Às gordas e nojentas serpentes aquáticas chamava ela «pintainhos» e deixava-as revolverem-se sobre o seu enorme peito esponjoso.

– Já sei a que vens – disse a bruxa do mar. – É uma grande asneira o que pretendes! De qualquer modo, será feita a tua vontade, mas só te trará infelicidade, minha linda princesinha. Queres libertar-te da cauda de peixe e substituí-la por dois apêndices para andares como os homens e tudo isso para que o príncipezinho se enamore de ti, o possas ter só para ti e venhas ainda a alcançar uma alma imortal! – A bruxa deu depois uma gargalhada tão ruidosa e repulsiva que os sapos e as serpentes tombaram no chão, onde ficaram a revolver-se. – Chegas mesmo a tempo – continuou a bruxa. – Amanhã, depois de o Sol nascer, já seria tarde e antes de um ano decorrido não te poderia ajudar. Vou preparar-te uma poção, que levarás para terra antes do nascer do Sol e que, sentada numa praia, deverás beber. A tua cauda separar-se-á do corpo e contrair-se-á naquilo que os homens denominam umas pernas encantadoras, mas isso produzir-te-á dores horríveis, como se te trespassasse uma espada aguçada.



Todos os que te contemplarem dirão que jamais viram um ser humano tão belo como tu. Conservarás o teu andar ondulante que nenhuma bailarina saberá igualar, mas por cada passo que deres será como se pisasses uma faca afiada que te fizesse sangrar. Se és capaz de sofrer tudo isto, ajudar-te-ei.

– Sim – respondeu a sereiazinha com voz tremente, pensando no príncipe e na alma imortal a que tanto aspirava.

– Mas deves lembrar-te – continuou a bruxa – de que, quando tiveres recebido a forma humana, não poderás voltar a ser sereia! Jamais descerás até onde estão as tuas irmãs e o palácio de teu pai. Se não conseguires o amor do príncipe, de modo que, por ti, ele possa esquecer pai e mãe e tu sejas o seu único pensamento e um sacerdote venha unir as vossas mãos, também não alcançarás uma alma imortal! Na manhã seguinte a ter-se casado com outra, o teu coração quebrar-se-á e transformar-te-ás em espuma do mar.

– Aceito – disse a princesinha, tornando-se pálida como um defunto.

– Mas também a mim terás de pagar-me por este serviço – prosseguiu a bruxa –, e não é pouco o que te peço. Possuis a voz mais bela de todas nós aqui no fundo do mar; e pensas vir a encantar o príncipe com ela, mas essa linda voz terás tu de dar-me. O que de melhor possuis quero-o pela minha poção preciosa. Também terei de oferecer-te o meu próprio sangue para que a poção seja cortante como uma espada de dois gumes.

– Mas se me tiras a voz – perguntou a sereiazinha –, o que me resta então?

– A tua bela figura – retorquiu a bruxa –, o teu andar ondulante e os teus belos olhos expressivos, com que poderás muito bem perturbar o coração de um homem. Então, já perdeste a coragem? Anda, põe a língua de fora para que a possa cortar, em paga da milagrosa poção que te vou preparar!

– Assim seja! – respondeu a sereiazinha, e a bruxa foi buscar o caldeirão para cozinhar a poção miraculosa.

– A limpeza é uma coisa muito bonita! – disse a bruxa, esfregando o caldeirão com as serpentes enrodilhadas e atadas com nós. Arranhou depois, com força, o peito e deixou cair lá dentro algumas gotas do seu sangue negro. O vapor formava estranhas e horrorosas figuras, de meter medo. A bruxa continuava a deitar ingredientes e mais ingredientes no caldeirão, e quando a poção começou a ferver era como se um crocodilo chorasse. Por fim, ficou pronta, tomando o aspecto da água mais cristalina.

– Aqui a tens – disse a bruxa, e logo em seguida cortou a língua à sereiazinha, que ficou, assim, completamente muda, sem poder cantar nem falar.

– Se os pólipos te agarrarem quando fores a atravessar o meu bosque – continuou a bruxa –, atira-lhes umas gotinhas, que logo ficarão com os braços e os dedos feitos em mil pedaços.

Não foi, porém, preciso que a sereiazinha se defendesse deste modo, pois os pólipos afastavam-se aterrorizados logo que viam a brilhante poção que lhe luzia nas mãos, como se fosse uma estrela cintilante. Atravessou, assim, rapidamente o bosque, o pântano e o sorvedouro rugiente.

Avistou o palácio do pai, onde as luzes estavam já apagadas no grande salão de baile. Dormiam já todos, certamente, e não ousou aproximar-se; agora era muda e ansiava sair dali para todo o sempre. Parecia que o coração lhe saltava do peito. Entrou silenciosamente no jardim, colheu uma flor de cada um dos canteiros das irmãs, lançou mil beijos nas pontas dos dedos na direcção do palácio e subiu através do mar azul-escuro.

O Sol ainda não havia rompido quando descobriu o palácio do príncipe e se foi sentar nos degraus da bela escadaria de mármore. A Lua brilhava com uma claridade maravilhosa. A sereia-

zinha ingeriu então a bebida ardente e acre e logo sentiu uma dor profunda, como se uma espada de dois gumes lhe atravessasse o lindo corpo. Desmaiou, depois, e ficou como morta. Quando o Sol começou a brilhar sobre o mar, acordou, voltou de novo a sentir uma dor aguda, mas em frente dela estava o belo príncipezinho, que a observava com os olhos negros de azeviche. Voltando o olhar para baixo, verificou que a cauda de peixe havia desaparecido e que possuía agora as pernas mais brancas e encantadoras que uma rapariga pode ter. Estava, porém, completamente nua, pelo que se envolveu na cabeleira longa e farta. O príncipe perguntou-lhe quem era e como viera ali parar, e ela, voltando para ele os olhos azul-escuros, lançou-lhe um olhar doce e ao mesmo tempo triste, pois não podia falar. Então, o príncipe tomou-a pela mão e conduziu-a para dentro do palácio. Cada passo que dava, como havia predito a bruxa, era como se pisasse finas agulhas e facas afiadas, mas nada deixou transparecer. Pela mão do jovem príncipe, subiu, leve como uma bolha de ar; e tanto ele como todos os circunstantes não puderam esconder a admiração pelo seu andar ondulante e gracioso.

Deram-lhe lindos vestidos de seda e de musselina e todos a consideraram a jovem mais bela do palácio. Mas era muda, não podia nem falar nem cantar.

Uma vez, vestidas de seda e de ouro, vieram belas escravas cantar diante do príncipe e de seus augustos pais. Uma cantou melhor do que as outras e o príncipe aplaudiu-a e sorriu-lhe. A sereiazinha ficou, então, muito triste, pois sabia que teria sido capaz de cantar muito melhor e pensou: «Oh! Se ele soubesse que para estar a seu lado me desfiz para sempre da minha bela voz!»

Depois as escravas dançaram, descrevendo graciosas figuras ondeantes ao som de música maravilhosa; e então a sereiazinha levantou os lindos braços brancos, ergueu-se nas pontas dos pés

e começou a rodopiar, bailando como nunca ninguém antes o fizera. Cada movimento realçava mais a sua beleza e os olhos falavam mais profundamente ao coração do que a própria canção das escravas.

Ficaram todos encantados, principalmente o príncipe, que lhe deu o nome de «Enjeitadazinha». E ela continuou a dançar, mesmo sentindo que, de cada vez que os pés tocavam o solo, era como se pisasse cutelos afiados. O príncipe declarou-lhe, então, que a queria sempre ao pé de si, permitindo-lhe que dormisse junto à porta do seu quarto, sobre grandes almofadões de veludo.

Ordenou também que lhe fizessem um fato de homem, para poder acompanhá-lo nos seus passeios a cavalo. Cavalgavam assim pelos bosques fragrantes, os troncos verdes roçavam-lhes os ombros enquanto os passarinhos cantavam na folhagem verde. Subia ainda com o príncipe a altas montanhas, e se bem que lhe sangrassem os pés delicados, de modo a ser notado por todos, ela continuava a sorrir-lhe e a segui-lo até ver as nuvens deslocarem-se por baixo deles como se fossem um bando de aves a caminho de terras distantes.

No palácio, à noite, quando todos dormiam, descia ela a larga escadaria de mármore para ir aliviar os pés ardentes na água fria do mar e ficava a pensar nos seus, tão longe, lá no fundo.

Uma noite, vieram as irmãs de braço dado, cantando tristemente e vogando ao sabor das ondas. A sereiazinha acenou-lhes, e elas, reconhecendo-a, contaram-lhe como tinham todos ficado muito tristes com a sua partida. Passaram a visitá-la todas as noites e uma vez viu mesmo, ao longe, a velha avó, que já há muito anos não subia à superfície das águas, bem como o Rei do Mar, com a coroa na cabeça. Ambos estenderam-lhe os braços, mas não ousaram, porém, aproximar-se tanto da costa como as irmãs.

Cada dia que passava ia aumentando o afecto do príncipe pela sereiazinha, de quem gostava como se gosta de uma criança boa e carinhosa; mas fazê-la esposa e rainha não lhe passava sequer pela cabeça, no entanto sua esposa tinha de vir a ser, senão não alcançaria uma alma imortal e transformar-se-ia, na manhã seguinte à do casamento do príncipe, em espuma do mar.

– Não gostas de mim mais do que de todas as outras? – pareciam perguntar os olhos da sereiazinha quando o príncipe a tomava nos braços e lhe beijava a bela fronte.

– Sim, quero-te mais do que a todas as outras – dizia ele –, pois tens melhor coração, és-me mais dedicada e pareces-te com uma jovem que vi e que certamente jamais virei a encontrar. Ia, então, num navio que naufragou, as ondas levaram-me para terra, junto a um santuário cujo culto era mantido por donzelas. A mais nova de todas descobriu-me na praia e salvou-me. Vi-a apenas duas vezes, mas era a única que podia amar neste mundo. Pareces-te com ela, quase ofuscas a sua imagem na minha alma. Além disso, consagrou-se inteiramente ao templo e por isso a minha boa sorte me conduziu para ti. Jamais nos separaremos.

«Ai! Não sabe que fui eu que lhe salvei a vida», pensou a sereiazinha, «eu que me ocultei na espuma e por ele olhei até vir alguém. Eu própria vi a linda donzela a quem ama mais do que a mim!» E a sereia suspirou profundamente, pois chorar não podia. «A donzela pertence ao santuário, disse-o ele, não virá para este mundo, não mais se encontrarão e eu estou junto dele, vejo-o todos os dias, cuidarei dele, amá-lo-ei, darei a vida por ele!»

Era agora a altura de o príncipe se casar com a bela filha do rei vizinho, dizia-se. Por isso preparavam com tanto aparato um navio. Constava que o príncipe ia partir para ver o país do rei vizinho, mas era realmente para ver a filha que ia assim acompanhado de um tão grande séquito. A sereiazinha meneou a ca-

beça e sorriu; conhecia melhor do que qualquer outra pessoa o pensamento do príncipe.

– Tenho de partir – dissera-lhe ele. – Tenho de ir ver essa bonita princesa de que tanto falam; meus pais assim o querem, mas não me obrigam a trazê-la como noiva. Não posso amá-la, não se parece com a bela donzela do templo, como tu te pareces. Se pudesse alguma vez escolher noiva, seria, sem dúvida, a ti quem escolheria, minha Enjeitadzinha muda, de olhos tão expressivos! – O príncipe beijou-a na boca vermelha, brincando com os longos cabelos e pousando-lhe a cabeça sobre o peito, que sonhava com a felicidade dos homens e com a alma imortal.

– Não tens medo do mar, minha mudazinha querida? – perguntou-lhe ele quando se encontravam já no magnífico navio que havia de conduzi-los ao país do rei vizinho. Depois o príncipe falou-lhe das tempestades e do tempo calmo, dos peixes estranhos do fundo do mar que os mergulhadores haviam visto, e a sereiazinha sorria das suas descrições, pois ninguém melhor do que ela sabia todas aquelas coisas.

Nas noites claras de luar, quando já todos dormiam, com excepção do timoneiro que ia ao leme, vinha para junto da amurada do navio e ficava a olhar a água clara. Pareceu-lhe então ver o palácio do pai, no alto do qual estava a avozinha com a coroa de prata na cabeça, olhando por entre as fortes correntes na direcção da quilha do navio. Uma vez apareceram as irmãs à tona da água, olharam-na com profunda tristeza e acenaram-lhe com as brancas mãozinhas. A sereiazinha respondeu-lhes agitando também as mãos; e sorrindo ia dizer-lhes que estava bem e feliz quando um moço de bordo se aproximou, obrigando-as a mergulhar rapidamente.

O moço ficou com a impressão de que a mancha branca que havia visto era espuma do mar.

Na manhã seguinte o navio entrou no porto da bela capital do reino vizinho. Os sinos começaram a repicar e nas altas torres soaram as trombetas enquanto formavam, em parada, as tropas com os estandartes ao vento e as reluzentes baionetas. Todos os dias havia uma festa. Os bailes e os saraus seguiam-se uns aos outros, mas a princesa ainda não fizera a sua aparição. Estava a ser educada lá longe, num mosteiro, onde aprendia as virtudes reais.

Chegou, por fim, à cidade. A sereiazinha estava impaciente por ver a sua beleza e quando isso aconteceu teve de reconhecer que nunca antes lhe fora dado admirar um ser tão gracioso. A tez era fina e macia e por detrás das longas pestanas sombreadas sorriam dois doces olhos azul-escuros.

– Tu! Foste tu que me salvaste quando jazia como um cadáver dado à costa! – gritou o príncipe, abraçando a noiva ruborizada. – Oh! Como sou feliz! – disse à sereiazinha. – Cumpriu-se o meu maior desejo. Tens de alegrar-te com a minha felicidade, pois queres-me mais do que qualquer outra pessoa.

A sereiazinha beijou-lhe a mão, sentindo que o coração se lhe quebrava. A manhã seguinte às suas núpcias trar-lhe-ia a morte, desfazendo-se em espuma do mar.

Os sinos repicavam e os arautos percorriam as ruas anunciando o próximo noivado. Nos altares ardiam óleos perfumados em ricos lampadários de prata. Os sacerdotes agitaram os incensórios, e os noivos, de mãos dadas, receberam a bênção do bispo. A sereiazinha, toda vestida de ouro e prata, segurava a cauda da noiva, mas os seus ouvidos não ouviam a música festiva, os olhos não viam a cerimónia religiosa: pensava apenas na noite da sua morte e em tudo o que havia perdido neste mundo.

Finalmente, nessa mesma tarde, embarcaram os noivos para o regresso, entre o troar dos canhões e as bandeiras ondeando ao vento. A meio do navio estava montada uma rica tenda de

púrpura e ouro, tendo lá dentro lindos cochins onde o príncipe e a princesa dormiriam na noite fresca e calma.

O vento enfunou as velas e o navio deslizou ligeiro no mar calmo.

Quando escureceu, acenderam-se lanternas de cores variegadas e a marinhagem começou a dançar alegremente no tombadilho. A sereiazinha lembrou-se da primeira vez que subira à superfície das águas e tivera a oportunidade de observar igual magnificência e alegria. Lançou-se então, a dançar, rodopiando como uma andorinha perseguida e todos a aplaudiram, expressando a sua grande admiração. Nunca bailara tão bem. Assim bailando, era como se navalhas afiadas lhe dilacerassem os lindos pés, mas ela nem os sentia; muito mais aguda era a dor no coração. Sabia que era a última noite em que via aquele por quem tinha abandonado família e lar, perdido a bela voz e sofrido todos os dias tormentos infindos, sem que ele fizesse a menor ideia. Era a última noite em que respirava o mesmo ar que ele, em que podia ver o mar profundo e o céu cheio de estrelas. Esperava-a uma noite eterna sem pensamentos nem sonhos, pois não possuía alma nem podia alcançá-la. No navio tudo foi alegria e regozijo até muito além da meia-noite, e ela sempre dançou e riu com o pensamento da morte no coração. Depois, o príncipe beijou a bela noiva, esta acariciou-lhe os cabelos negros, e, de braço dado, entraram na magnífica tenda para repousar.

Fez-se silêncio e voltou a calma ao navio; só o timoneiro ficou junto do leme. A sereiazinha colocou os alvos braços na borda da amurada e pôs-se a olhar para oriente, à espera da aurora, sabendo que o primeiro raio de Sol lhe traria a morte. Viu, então, as irmãs subirem à superfície do mar. Estavam pálidas como ela e os seus longos cabelos já não flutuavam ao vento: tinham sido cortados.



– Demo-los à bruxa para que nos auxiliasse a salvar-te da morte esta noite! Entregou-nos esta faca. Toma-a! Vê como está afiada! Antes do nascer do Sol, terás de cravá-la no coração do príncipe e quando o seu sangue quente te salpicar os pés, eles transformar-se-ão em cauda de peixe. Voltarás a ser sereia, poderás mergulhar na água e regressar para junto de nós, onde viverás trezentos anos até te transmutares na espuma salgada do mar. Apressa-te! Um de vós terá de morrer antes de o Sol despontar! A nossa avozinha está tão triste que lhe caíram todos os cabelos brancos, e nós perdemos os nossos sob a tesoura da bruxa. Mata o príncipe e volta! Apressa-te, estás a ver aquelas faixas vermelhas no céu? Dentro de minutos nascerá o Sol e irás morrer. – E, lançando profundos suspiros, voltaram a mergulhar.

A sereiazinha afastou a cortina de púrpura da tenda e viu a bela noiva a dormir com a cabeça sobre o peito do príncipe. Curvou-se e beijou-o na testa, olhou para o céu para ver como a aurora se ia tornando mais luminosa, quedou-se por um momento a olhar a faca afiada e voltou a mirar o príncipe, que em sonhos murmurava o nome da noiva. Continuava a ser o seu único pensamento. A faca vacilou por um momento nas mãos da sereia... mas logo a arremessou para longe, no mar, tingindo-se as ondas de vermelho, como se gotas de sangue borbulhassem na água. Finalmente voltou a fixar os olhos turvados no príncipe e lançou-se ao mar, onde sentiu o corpo a desfazer-se em espuma.

Logo depois, rompeu o Sol, projectando suavemente os raios quentes na espuma fria de morte. A sereiazinha não sentiu que morria, via o Sol brilhante e, por cima dela, flutuando, centenas de seres de uma transparência maravilhosa. Conseguia ver através deles as velas brancas do navio e as nuvens avermelhadas do céu. As vozes eram de uma melodia tão espiritual que nenhuns ouvidos humanos a podiam ouvir, tal como não podiam vê-los os olhos terrestres. Sem asas, flutuavam no ar devido à sua

própria leveza. A sereiazinha reparou, então, que tomara a mesma forma desses seres e que estava a elevar-se gradualmente da espuma.

– Para onde vou? – inquiriu, e a sua voz soou como a dos outros seres, tão espiritualmente como nenhuma música terrestre a poderia reproduzir.

– Para junto das Filhas do Ar! – responderam-lhe. – As sereias não têm uma alma imortal, nem nunca a poderão alcançar se não conseguirem o amor de um homem! O seu destino eterno depende de um outro poder. As Filhas do Ar também não têm alma imortal mas podem vir a obtê-la com boas acções. Deslocamo-nos para os países quentes, onde o ar morno e pestilento mata os homens, e aí produzimos frescura. Espalhamos o perfume das flores no ar e trazemos alívio e cura. Se durante trezentos anos praticarmos o bem, poderemos depois obter uma alma imortal e participar da felicidade eterna do homens. Pobre sereiazinha, também, como nós, te esforçaste, de todo o coração! Sofreste pacientemente, elevando-te ao mundo dos Espíritos do Ar. Podes agora vir a alcançar, em trezentos anos, com boas acções, uma alma imortal.

A sereiazinha ergueu o braço translúcido para o Sol, radiosa criação de Deus, e, pela primeira vez, sentiu correr as lágrimas. Ao navio voltara novamente a vida e o bulício. Viu que o príncipe e a linda noiva a procuravam, olhando tristemente para a espuma borbulhante, como se adivinhassem que se tinha atirado às ondas. Invisível, beijou a testa da noiva, sorriu para o príncipe e subiu com as outras Filhas do Ar nas nuvens róseas que pairavam no céu.

– Daqui a trezentos anos, assim ascenderemos também ao Reino de Deus!

– Poderemos alcançá-lo mais cedo! – sussurrou uma. – Entramos invisíveis nas casas dos homens onde há crianças e por

cada dia que encontrarmos um menino ou menina bonzinho, fazendo a alegria dos pais e, merecendo o seu amor, Deus encurta-nos o nosso tempo de prova. Os meninos nunca sabem quando nos introduzimos nos quartos, mas se nos fazem sorrir de alegria é-nos tirado um ano dos trezentos que teremos de viver assim. Pelo contrário, se se nos depara uma criança malcriada e má, vertemos lágrimas de tristeza e por cada lágrima vertida é aumentado em um dia o nosso tempo de prova.